

## O VALOR DA NARRAÇÃO E O PAPEL DO JUSTO NO PENSAMENTO DE WALTER BENJAMIN

Ricardo Souza Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:** *O objetivo da comunicação é apresentar o valor da narração oral para o pensamento benjaminiano, mostrando seu caráter pedagógico e sua importância para a formação do homem. Para isso, aproximaremos o ensaio *O Narrador*, do movimento hassídico do século XVIII, predominantemente oral, onde a cabala<sup>2</sup> se converte em ethos e a figura do justo se torna a representação do ideal humano. Desta forma faremos uma leitura do ensaio partindo de uma análise teológica que no texto não fica tão evidente, mas perpassa cada linha.*

**Palavras-chave:** Ética; Narração; Justiça.

### APRESENTAÇÃO

Walter Benjamin escreveu em 1936, um ensaio intitulado *O Narrador*, nele se encontra uma análise sobre a obra literária de Nikolai Leskov. Como de costume, o autor trabalha um tema que é o valor da narração oral para formação do homem, seguido de um subtema que é o que nos interessa aqui: o justo. No ensaio, pelo menos três vezes ocorre a referência a esse termo, que é uma expressão judaica *Tzadik*. Para o judaísmo o *Tzadik* é um homem santo que vivia conforme os ensinamentos da Torá, quem é autenticamente fiel é chamado *tzadikim*, homem que pratica *tzedek*, que é a suprema qualidade de atuação de Deus e dos homens, unindo, em uma proporção perfeita, o amor com a justiça. Dessa forma, o verdadeiro amor requer justiça como a verdadeira justiça requer amor, ambos mediados pela compreensão.

Em *O Narrador*, os valores éticos e morais estão presentes em quase todas as linhas, mas de uma forma negativa; no momento em que o autor denuncia a sua perda, Benjamin utiliza duas expressões ao se referir a essa perda: mundo ético e experiência ética. Para ele, o mundo sofreu transformações inimagináveis no decorrer da Primeira Grande Guerra, e os soldados, ao retornarem, estavam pobres de experiências comunicáveis. Os horrores da guerra deixaram marcas terríveis, além do que não existia mais lugar para uma experiência ética. Neste caso, as afirmações estão pontuadas pelos horrores da guerra, pela banalização da vida, assim como a experiência econômica da inflação e a imoralidade dos governantes.

Precisamos atentar que para o Benjamin, a narração oral e a experiência ética são indissociáveis, noto nesse pensamento uma forte influência do movimento hassídico<sup>3</sup>, onde a cabala foi convertida em ethos. A contribuição original desse movimento ao pensamento

---

<sup>1</sup> Ricardo Souza Cruz é graduado em filosofia pela UCSal, mestrando em filosofia pela UFBA e bolsista da CAPES. A dissertação em andamento é intitulada “O valor da narração e o papel do justo em Walter Benjamin” e é orientada pelo professor Dr. Edvaldo Couto.

<sup>2</sup> Cabala ou tradição, denominação dada ao conjunto das doutrinas místicas judaicas. Na forma restrita, designa o sistema místico-filosófico que teve origem na Espanha, no século XIII, e cuja influência na vida judaica foi das mais acentuadas.

<sup>3</sup> Movimento judaico que tinha como princípios a santidade e a piedade, onde o conjunto de princípios e observações determina a vida do hassid. A narração oral é peça fundamental desse movimento religioso.

religioso está ligada à sua interpretação dos valores da existência pessoal e individual. Onde idéias gerais tornam-se valores individuais éticos, como observou Gershom Scholem.

No tocante ao movimento hassídico, um dos seus aspectos vitais está na importância da narração oral; é por meio dela que os hassidim contavam as histórias dos seus líderes os tzadikim. As palavras utilizadas para narrar as histórias eram mais do que meros discursos, era a transmissão da tradição às gerações vindouras, onde a própria narrativa passa a ser acontecimento, recebendo a consagração de um ato sagrado. Para eles, a narração era mais que uma reflexão, nela a essência sagrada que testifica continua vivendo nela. A nossa leitura de *O Narrador* procura aproximar o valor da narração oral ao papel do justo (tzadik), enquanto homem ético.

Nossa comunicação será dividida em três partes: na primeira vou expor brevemente o estudo sobre a narração de Benjamin, apontando o abalo da tradição oral, na segunda parte vou trabalhar o conceito judaico de tzadek, para na terceira e última aproximar o estudo sobre a narração do movimento hassidico.

## A NARRAÇÃO ORAL

Benjamin começa *O Narrador* denunciando que a narração oral está desaparecendo por conta da incapacidade do homem de intercambiar experiências. Segundo ele, isso não é consequência da modernidade, mas o resultado das transformações dos meios de produção, onde a velocidade da informação e as transformações do capitalismo levam a uma evolução secular. Lemos:

A arte de narração está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.<sup>4</sup>

Para ele, o primeiro sinal que confirma essa evolução é o surgimento do romance, por conta dele a narração oral é abalada. Segundo ele, o romance não procede nem da narração oral nem a alimenta, na verdade ele é um produto que surge com o advento da imprensa. Enquanto a narração oral se alimenta da experiência, o romance é segregacionista. Ele é um produto ideal para os indivíduos das grandes cidades, que ao se alimentarem da indiferença em relação ao mundo e ao outro, encontra na leitura um companheiro. Cito:

A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem vive.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Walter Benjamin, *O Narrador* in: *Obras escolhidas I*, (Trad. Sergio Paulo Rouanet), São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996, p. 200-201.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 201.

As transformações sociais e urbanas decorrentes das mudanças dos meios de produção foram significativas para a consolidação do romance na modernidade. Benjamin atentou que o romance não é um fenômeno moderno, pelo contrário, remonta à Antiguidade, só que precisou de centenas de anos para encontrar na burguesia ascendente os elementos favoráveis para seu florescimento. No momento em que estes elementos surgem, a narrativa aos poucos vai perdendo sua importância enquanto meio de comunicação. Ele continua:

Verificamos que com a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação.<sup>6</sup>

Enquanto que a narração oral é fundamental para a formação do homem, a informação tem apenas um caráter utilitário, ela é útil apenas enquanto novidade ao aspirar a verificação imediata. A difusão da informação é responsável pelo seu declínio. Segue:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte de narrar está em evitar explicações.<sup>7</sup>

Esse é o ponto fundamental da narração oral, evitar explicações, levando o ouvinte ao exercício da subjetividade. A narração oral possui um caráter pedagógico. No momento que ensina uma tradição obriga o ouvinte guardá-la na memória. Em um mundo onde tudo deve ser abreviado e a memória perde sua importância, a narração oral não tem utilidade. Ao denunciar a perda da narração oral, Benjamin reconhece um empobrecimento do homem moderno, mas em momento algum ele toma parte de um discurso saudosista, pelo contrário, ele reconhece que na modernidade surgem novas formas de narrativas (a narração visual), se elas não são tão eficientes para a formação do homem quanto à narração oral, é outra questão.

Para Benjamin, a narração oral estará sempre associada ao trabalho manual, e é aqui que ocorre a grande transformação na modernidade: a relação homem-máquina. As novas formas de produção levam a uma nova experiência do tempo, o tempo determinado pelo ritmo das máquinas. O tempo gasto para a produção dos bens de consumo segue o ritmo da linha de produção, onde velocidade e eficácia ocupam o lugar das formas artesanais, onde o ritmo lento era ideal para o diálogo e troca de experiência durante a jornada de trabalho.

As novas experiências do tempo determinadas pelo ritmo das máquinas modificam as relações sociais de tal forma que a informação ocupa o lugar da narração oral, que como já falamos necessita de um ritmo lento para que narrador e ouvinte possam exercitar a subjetividade exaustivamente. Benjamin observa que:

---

<sup>6</sup> Ibidem, p. 202.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 203.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesãos – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.<sup>8</sup>

No momento que o narrador transmite um fato ele não apenas informa, mas vai além; ao fazer uso da sua experiência enriquece o fato narrado com sua vida. O objetivo dos grandes narradores não é ensinar algo, apesar de que as grandes narrações sempre carregam lições, mas provocar no ouvinte a necessidade de contribuir com a narrativa como um novo narrador. Por isso que Benjamin diz que narrar é intercambiar experiências. Em O Narrador encontramos marcas profundas do movimento hassidico, não apenas por ser um movimento particularmente oral, mas por transformar a ética em um tema a ser narrado. Essa contribuição fica evidente quando o autor fala de uma experiência ética e de um mundo ético.

## O JUSTO OU TZADIK

O Hassidismo possui uma nobreza espiritual aliada a uma sabedoria mística. Esse movimento de misticismo popular possui uma forte influência literária. Fundada por Israel Baal Schem, que durante toda sua vida imprimiu a marca de sua personalidade ao movimento. Alguns fatores tornaram os escritos hassidicos acessíveis ao leigo, particularmente seu estilo relativamente moderno e sua preferência por aforismos. Falando de uma forma geral, esse movimento buscou reinterpretar a Cabala, tornando-a popular. Para isso seus seguidores transformaram seus ensinamentos em objetos da narração oral. Como observou Gershom Scholem:

Toda energia e sutileza de emoção e pensamento, que no caso do cabalista ortodoxo ia para a exploração dos mistérios teosóficos, foi lançada na busca da verdadeira substância de concepções ético-religiosas e de sua glorificação mística. A verdadeira originalidade do pensamento hassidico reside aqui e nenhum outro lugar.<sup>9</sup>

O hassidismo contribui ao pensamento religioso com sua interpretação dos valores da existência pessoal e individual, as idéias gerais se tornam valores individuais éticos. Nesse momento a personalidade substitui a doutrina; o que se perde em racionalidade com a mudança, ganha em eficácia. Scholem conclui:

O novo ideal do chefe religioso, o tzadik, difere do ideal tradicional do judaísmo rabínico, o Talmid Haham, ou estudante da Torá, principalmente porque ele próprio “se tornou Torá”. Não é mais o seu conhecimento, mas sua vida que empresta valor religioso à sua personalidade. Ele é a encarnação viva da Torá.<sup>10</sup>

A inversão proposta pelo hassidismo dentro do judaísmo tradicional é interessante por duas razões: primeiro é o fato de conhecimento e vivência se fundirem numa experiência

<sup>8</sup> Ibid, p. 205.

<sup>9</sup> Gershom Scholem, As grandes correntes da mística judaica, (Trad. J. Guinsburg, Dora Ruhman, Fany Kon), São Paulo, Ed. Perspectiva, 2ª edição, 1995, p. 379.

<sup>10</sup> Ibid, p. 381.

existencial rica em valor simbólico, representada particularmente pela figura do Tzadik. Em segundo lugar, é o papel da narração oral para a troca de experiências. Por meio de suas histórias orais, os tzadikim ensinavam aos seus discípulos o caminho da Lei e da justiça. Nesse movimento, a narração oral atinge status de um folclore popular, onde cada lição revelada leva o ouvinte a repensar toda sua existência, assim como seu papel na comunidade e no mundo. Como Benjamin nos fala:

Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único? Talvez se tenha uma noção mais clara desse processo através do provérbio, concebido como uma espécie de ideograma de uma narrativa. Podemos dizer que os provérbios são ruínas de antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça um muro.<sup>11</sup>

Os tzadikim levaram a narração ao grau de excelência, não apenas por intercambiar experiências como nos fala Benjamin, mas por uma relação mística com a palavra, relação essa que leva o ouvinte a um grau de igualdade com o locutor. Esse efeito atinge o máximo no fato do relacionamento se modificar e o ouvinte se tornar um locutor, de tal modo que ele diz a palavra final. Na experiência narrativa, locutor e ouvinte encontram-se em íntima relação, de tal forma que cada um é parte fundamental da narração.

Rabi Nakhman<sup>12</sup> foi um grande tzadik, e suas histórias (narrações orais) atingiram um alto nível. Ele não foi um criador de uma forma nova e original, mas como um bom representante da poesia oral, se vale de formas tradicionais e tem seu relato suportado no interior dela. Para ele, a comunicação não significava um acontecimento comum sobre o qual não se deveria refletir por nos ser familiar e bem conhecida. Pelo contrário, era algo de maravilhoso, como algo recém-criado. Esse recém-criado que ele nos fala é a relação entre os homens por meio da narração oral, algo que na modernidade vai perdendo a sua intensidade a ponto de quase desaparecer por completo. Cito Benjamin:

Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo. Sim, ele destrói, devora a substância lida, como o fogo devora lenha na lareira. A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama.<sup>13</sup>

A crítica de Benjamin é direta no tocante à própria natureza do romance em oposição à narração oral. O leitor do romance é o homem solitário das grandes cidades, embriagado pelo consumo, que leva sua necessidade até mesmo ao seu lazer. Claro que existe um certo exagero da parte de Benjamin, mas um fato é incontestável, o leitor do romance é solitário e dessa solidão não consegue tirar nenhuma lição. Diferente do ouvinte da narração oral, que inserido na sua

<sup>11</sup> op.cit p. 221.

<sup>12</sup> Rabi Nakhman de Bratzlav, bisneto de Israel Baal Schem, líder religioso hassidico, que escreveu contos e histórias. Na sua obra o tzadik ocupa um lugar central no trabalho de elevação espiritual.

<sup>13</sup> Ibid, p. 213.

comunidade, reconhece em cada palavra do narrador algo digno de nota. Cito suas palavras que fecham o ensaio:

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.<sup>14</sup>

A figura romântica do narrador é um estranho na modernidade, suas lições não fazem sentido num mundo secular e fechado para qualquer experiência com o sagrado. Uma leitura do *Narrador*, partindo de um olhar teológico, nos abre um novo horizonte, onde o autor concilia o dever (viver os valores éticos da lei mosaica) com a necessidade de transmissibilidade de uma tradição. O que ele mostra no ensaio é o valor da transmissibilidade da verdade, e aqui a verdade estará diretamente vinculada à Lei Judaica, onde justiça, amor, perdão e misericórdia determinam os rumos das relações humanas.

No ensaio ele insiste sobre o preço pago pela modernidade (fragmentação da experiência, alienação do trabalho, ausência de sabedoria), assim como a falta de uma contrapartida para essas perdas. Para ele, as transformações da modernidade tiram do homem a necessidade de exercitar a memória:

A memória épica é a musa da narração. Mas a esta musa deve se opor outra, a musa do romance que habita a epopéia, ainda indiferenciada da musa da narrativa. Porém ela já pode ser pressentida na poesia épica. Assim, por exemplo, nas invocações solenes das Musas, que abrem os poemas homéricos. O que se prenuncia nessas passagens é a memória perpetuadora do romancista, em contraste com a breve memória do narrador. A primeira é consagrada a um herói, uma peregrinação, um combate; a segunda, a muitos fatos difusos. Em outras palavras, a rememoração, musa do romance, surge ao lado da memória, musa da narrativa, depois que a desagregação da poesia épica apagou a unidade de sua origem comum na reminiscência.<sup>15</sup>

Na opinião de Benjamin, com o surgimento do romance no seio da epopéia, fica evidente que nele a musa épica (reminiscência) aparecia sob outra forma que na narrativa. Ela funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração. Correspondendo, assim à musa épica no sentido mais amplo. No entanto, não se percebeu que a relação ingênua entre narrador e ouvinte é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Por isso ele diz que a memória é a mais épica de todas as faculdades. Num mundo onde existe uma relativização dos valores, seguida de uma fragmentação das relações pessoais, a narração perde o sentido. Como nos fala Rochlitz:

O que Benjamin não podia admitir no domínio da literatura épica – a modificação profunda que se faria ascender à modernidade – ele concebe no da poesia lírica. Essa evolução distingue-se também daquela pela qual o filme e a fotografia substituem a pintura, e da perda irremediável, sem nenhuma

---

<sup>14</sup> Ibid, p. 221.

<sup>15</sup> Ibid, p. 211.

compensação, que caracteriza o fim da narração. Para ser um moderno no interior de uma forma tradicional que não tem mais influência sobre o real contemporâneo, é preciso ter uma noção, uma memória dessa aura e dessa experiência arruinada pela realidade moderna.<sup>16</sup>

Com a perda da narração oral, nada foi colocado em seu lugar, e nesse vazio a alienação do homem cresce de tal forma que não há mais experiências comunicáveis. No entanto, não se trata do fim de uma época e de suas formas de comunicação quanto de detectar na antiga personagem desaparecida do narrador, uma tarefa sempre atual: a do homem justo. Se Benjamin aponta insistentemente para a figura do justo, é por reconhecer nele o modelo de conduta moral, não somente a ser lembrado, mas principalmente a ser seguido.

## CONCLUSÃO

A proposta da comunicação de aproximar o ensaio O Narrador do movimento Hassídico não é apressada, pelo contrário, chega a ser inovadora, já que a maioria dos comentadores tende a negligenciar o caráter teológico ali presente. Se para Benjamin o justo é um homem valoroso, é por ver nos seus atos uma grande contribuição para a comunidade. Se ele busca ensinar aos seus discípulos, principalmente pelo exemplo de vida, e fazendo da narração oral uma fonte pedagógica de grande valor social, é por reconhecer no diálogo algo único para as relações humanas.

A crise da narração não é somente resultado de uma perda, mas principalmente, a ausência de diálogo entre os homens. No hassidismo, o diálogo é parte da narração oral, uma fonte pedagógica de grande importância para a formação do homem, onde este reconhece seu papel no mundo e seu dever na história. Se o mundo moderno causou fraturas na experiência humana, eu diria que a falta de diálogo contribuiu para isso. No entanto, tomar a figura do justo como a única possibilidade para começar as mudanças seria ingenuidade. Como observou Rochlitz:

De um lado, em “O narrador”, Benjamin evoca, com nostalgia, a figura do justo, do homem conselheiro, que desapareceu, segundo ele, ao mesmo tempo que a arte de contar. Ele não concebe uma justiça que não encarne mais as virtudes substanciais como as que caracterizavam o homem exemplar da Antiguidade. Ora, a validade da moral moderna não depende de sua encarnação exemplar em um justo. Neste sentido, Benjamin não é um moderno: ele não pode dissociar ética e narração, a justiça e o justo.<sup>17</sup>

No entanto, ele desconsiderou o fator determinante no ensaio: o caráter alegórico do narrador. Por ser uma figura alegórica, o narrador anda com liberdade entre o céu e a terra; e pode, quando necessário, agir de forma messiânica. A teologia é predominantemente oral, já que nela acontece a experiência da revelação. Após Deus se revelar ao homem, este tem a necessidade de narrar a sua experiência, tornado-a quase que um modelo. Por isso, O Narrador continua um convite ao exercício da subjetividade, para aqueles que aceitam o seu chamado, e compreendem o seu dever no mundo.

---

<sup>16</sup> Rainer Rochlitz, O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin, (Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção), São Paulo, Ed. Edusc, 2003, p. 288.

<sup>17</sup> Ibid, p. 342.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter, O Narrador in: Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996.

ROCHLITZ, Rainer, O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin, São Paulo, Ed. Edusc, 2003.

SCHOLEM, Gershom, As grandes correntes da mística judaica, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1995.